

MAX HEINDEL

O Problema da Vida e a sua Solução



CROSSING OVER, Johfra, 1989

O Problema da Vida e a sua Solução



Max Heindel (1865-1919)

O problema da Vida

Entre todas as vicissitudes da vida, embora a experiência humana varie muito de indivíduo para indivíduo, há um acontecimento que é inevitável para todos: a Morte! Não importa qual seja a nossa posição social; se a vida que vivemos foi louvável ou não; se nossa passagem entre os homens ficou marcada por grandes feitos; se vivemos uma vida saudável ou de enfermidades; se fomos famosos e rodeados de amigos ou obscuros e solitários, chegará um momento em que estaremos sós, diante do portal da Morte, e seremos forçados a dar um salto no escuro.

O pensamento sobre esse salto e o que possa existir além, força toda criatura a pensar. Nos anos de juventude e saúde, quando o barco da nossa vida navega nos mares da prosperidade, quando tudo nos parece belo e brilhante, podemos por de lado tal pensamento; mas certamente chegará um dia na vida de toda pessoa sensata em

que o problema da Vida e da Morte impor-se-á à sua consciência, recusando-se a ser posto de lado. Nem será de grande proveito aceitar uma solução preconcebida, forjada por qualquer um, sem reflexão e na base da fé cega, porque esse é um problema fundamental que cada pessoa deve resolver por si mesma, para ficar satisfeita.

No limite oriental do Deserto do Saara está a mundialmente conhecida Esfinge, com sua face impenetrável voltada para o Leste, sempre saudando o Sol, quando seus primeiros raios anunciam um novo dia. Diz a mitologia grega que era habito desse monstro formular um enigma a todo viajante, devorando aqueles que não sabiam responder acertadamente. Mas quando Édipo resolveu o enigma, a Esfinge destruiu-se a si mesma.

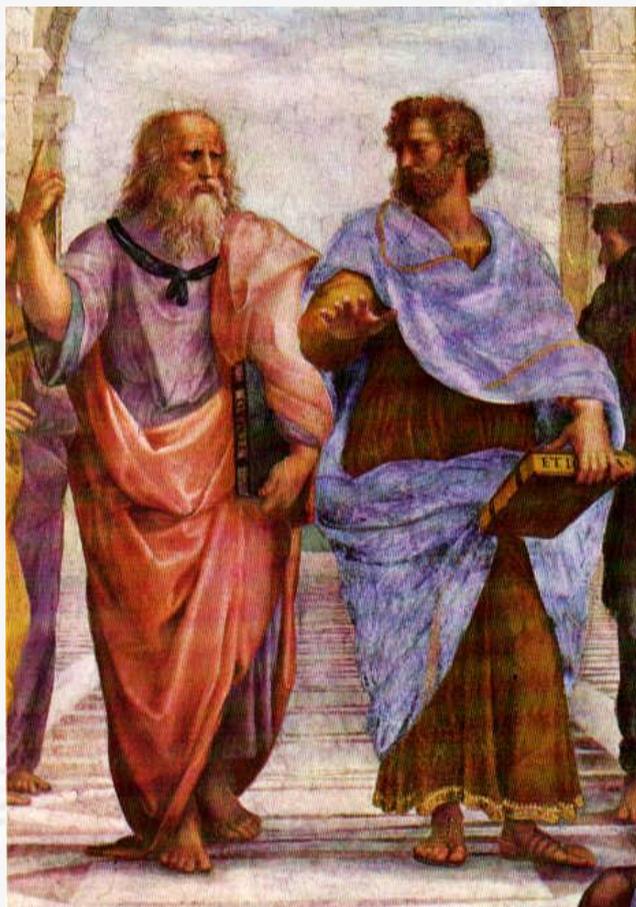
O enigma que a Esfinge propunha aos homens era o da Vida e o da Morte, uma questão que tinha tanta importância naquele tempo quanto hoje, e para o qual cada um deve encontrar uma resposta ou será devorado na mandíbula da morte. Mas, uma vez que a pessoa tenha encontrado a solução para o problema, tomar-se-á evidente que, na realidade, a Morte não existe e aquilo que se parece com ela não passa da mudança de um estado de existência para outro. Portanto, ao homem que encontra a verdadeira solução para o enigma da vida, a Esfinge da morte deixa de existir e ele pode elevar sua voz num grito triunfante: "Oh Morte, onde está o teu aguilhão? Oh tumulto, onde está a tua vitória?".

Várias teorias tem sido formuladas para se resolver esse problema da vida. Essas teorias podem ser divididas em duas classes fundamentais: a teoria monística, que sustenta que todos os fatos da vida podem ser explicados, tomando-se como base este mundo visível no qual vivemos, e a teoria dualista, que explica uma parte destes fatos por fenômenos da vida ocorridos em mundos que estão fora do alcance da nossa visão física.



A Escola de Atenas é um fresco de Rafael Sanzio, com cerca de 7,7m na base, pintado entre 1509 e 1510 na *Stanza della Segnatura* sob encomenda do Vaticano.

No seu famoso quadro "A Escola de Atenas", Rafael apresentou de uma forma muito hábil as atitudes dessas duas escolas de pensamento. Vemos nesse maravilhoso quadro um átrio Grego, semelhante aqueles em que os filósofos outrora costumavam congregar-se. Sobre os diversos degraus que conduzem ao interior do edifício, vê-se um grande número de homens mergulhados em profunda conversação, mas, no centro, no cimo dos degraus, permanecem duas figuras que se supõe serem Platão e Aristóteles, um apontando para cima, o outro para a terra, encarando-se mudos, mas com profunda e concentrada determinação, cada um pretendendo convencer o outro de que sua opinião é a verdadeira, porque ambos estão convictos em seu coração. Um deles sustenta que é feito do barro da terra, que veio do pó, ao qual voltará; o outro advoga firmemente a idéia de que há algo superior que sempre existiu e continuará existindo, não importa o que possa acontecer ao corpo em que se vive agora.



Detalhe do fresco em que aparecem ao centro Platão e Aristóteles. Platão segura o Timeu e aponta para o alto, sendo assim identificado com o ideal, o mundo inteligível. Aristóteles segura a Ética e tem a mão na horizontal, representando o terrestre, o mundo sensível.

A questão de saber quem está certo ainda se acha sem solução para a grande maioria da humanidade. Milhões de toneladas de papel e muita tinta foram gastas em tentativas inúteis de chegar-se à resolução da questão com argumentos, mas permanecerá a interrogação para todos que não solucionaram o enigma por si mesmos, porque esta é uma questão fundamental, faz parte da experiência da vida de cada ser humano resolvê-la e, portanto, ninguém pode nos dar a solução final para a nossa satisfação. Aqueles que realmente solucionaram esse problema, tudo o que podem fazer é mostrar aos outros o caminho que os levou a encontrar a solução e, desse modo, conduzir o investigador para que também possa pelos próprios esforços chegar a uma conclusão.

Esta é a finalidade deste pequeno livro. Não se pretende oferecer uma solução para o problema da vida, para que ela seja aceita cegamente, pela confiança na capacidade de investigação do autor. Os ensinamentos aqui expostos foram oferecidos por meio da Grande

Escola Ocidental de Mistérios Ordem Rosacruz, e são o resultado dos testemunhos de grande número de videntes exercitados, e que foram comunicados ao autor e suplementados por sua investigação pessoal dos planos atravessados pelo Espírito na sua jornada cíclica, desde o mundo invisível até este plano de existência e o seu retomo.

Não obstante, adverte-se o estudante de que o autor pode ter entendido de modo errado alguns dos ensinamentos e de que, apesar do maior cuidado que teve, pode ter tomado algum ângulo errôneo daquilo que acredita ter visto no mundo invisível, no qual as possibilidades de se equivocar são múltiplas. Aqui, no mundo que nos cerca, as formas são fixas, não mudam facilmente; mas no mundo ao nosso redor, perceptível somente à visão espiritual, podemos dizer que não existe realmente a forma e que tudo ali é vida. Para ser mais exato, as formas são tão mutáveis que as metamorfoses descritas nos contos de fadas ocorrem ali com uma freqüência impressionante e, por esta razão, temos as surpreendentes revelações de médiuns e clarividentes inexperientes que, embora honestos, são enganados pela ilusão da forma, que é efêmera, por serem incapazes de ver a vida, que constitui a base permanente da forma.

É preciso que aprendamos a ver nesse mundo. A criança de poucos meses ainda não consegue avaliar bem o espaço e pretende apanhar objetos que estão fora do seu alcance, até que aprenda a calcular as distâncias. Uma pessoa cega que readquire a capacidade da visão por uma operação, no princípio estará inclinada a fechar os olhos quando for de um lugar para outro, e dirá que, para ela, é mais fácil caminhar pelo tato do que pela visão, devido ao fato de que ainda não aprendeu a usar sua nova faculdade. Do mesmo modo, a pessoa cuja visão espiritual se tenha manifestado recentemente, precisa de treinamento e, neste caso, a instrução é ainda mais necessária do que à criança e ao cego já mencionados. Negar a alguém essa instrução seria o mesmo que colocar uma criança recém-nascida num berçário onde as paredes fossem recobertas por espelhos de diferentes curvaturas, côncavos e convexos, que retorcessem e desfigurassem sua própria imagem e a dos que a assistem. Se uma criança crescesse em tal ambiente e não lhe fosse possível ver a forma real das coisas, a sua e a dos companheiros, naturalmente acreditaria que as formas reais seriam aquelas deformadas que se habituou a ver, quando, na realidade, os espelhos seriam os causadores dessa ilusão. Se a criança e as pessoas envolvidas numa experiência desta índole fossem um dia retiradas desse lugar ilusório, não seriam capazes de reconhecer as formas naturais até que fossem

devidamente treinadas para isso. Aqueles que desenvolveram a visão espiritual estão expostos a sofrer tais ilusões, até que sejam instruídos para ajustar-se à distorção e ver a vida, que é permanente e estável, desprezando a forma, que é evanescente e instável. O perigo de ver as coisas fora de foco permanece sempre e é tão sutil que o autor sente o dever imperativo de advertir aos leitores para que tomem todas as suas citações referentes aos mundos invisíveis com a maior cautela, pois ele não tem a menor intenção de enganar ninguém. Sente-se, antes, inclinado a aumentar do que a diminuir suas próprias limitações, e aconselharia o estudante a não aceitar nada do que o autor escreveu sem primeiro raciocinar por si mesmo. Desse modo, se ele se enganar, ter-se-á enganado sozinho, não podendo censurar o autor por isso.

Três Teorias da Vida

Apenas três teorias dignas de consideração são apresentadas como soluções ao enigma da existência e, com o propósito de que o leitor possa fazer a importante escolha entre elas, passamos a apresentá-las resumidamente, dando alguns dos argumentos que nos levam a defender a doutrina do Renascimento como o método que favorece o desenvolvimento da alma e a aquisição final da perfeição, oferecendo a melhor solução ao problema da vida.

1) **A Teoria materialista** ensina que toda a vida é apenas uma curta jornada do berço ao tumulo, que não há no Cosmos inteligência superior à do homem, que sua mente é produto de certas correlações da matéria, e que, portanto, a existência termina com a morte e a dissolução do corpo.

Houve dias em que os argumentos dos filósofos materialistas pareciam convincentes, mas, à medida que a ciência avança, descobre-se mais e mais evidências de que há um lado espiritual no Universo. Que a vida e a consciência possam existir sem que disso nos seja dada evidência alguma foi plenamente comprovado nos casos de pessoas que se encontravam em transe profundo, consideradas como mortas durante vários dias e que despertaram repentinamente, contando tudo o que se passou em torno do seu corpo durante o transe. Cientistas eminentes, tais como Sir Oliver Lodge, Camille Flammarion, Lombroso, e outros homens de inteligência brilhante e capacidade científica, declararam

inequivocamente, como resultado de suas investigações, que a inteligência que chamamos homem sobrevive à morte do corpo e continua vivendo em torno de nós, independentemente de a vemos ou não, como a luz e a cor existem em torno de uma pessoa cega, independentemente do fato de essa pessoa perceber-las ou não. Esses cientistas chegaram a essa conclusão depois de muitos anos de cuidadosa investigação. Eles descobriram que os chamados mortos podem, e o fazem em determinadas circunstâncias, comunicar-se conosco, de tal forma que qualquer engano a este respeito é inadmissível. Sustentamos que tal testemunho é muito mais valioso do que o argumento do materialismo, porque é baseado sobre anos de investigação cuidadosa e porque está em harmonia com Leis tão bem conhecidas como a Lei da Conservação da Matéria e a Lei da Conservação da Energia. A mente é uma forma de energia e está imune a destruição, contrariamente ao que afirma o materialista. Portanto, podemos por de lado a Teoria materialista, por considerá-la imprópria devido ao fato de ela não se harmonizar com as Leis da Natureza e com fatos bem estabelecidos.

2) **A Teoria Teológica** proclama que, justamente antes de cada nascimento, é criada por Deus uma alma e esta entra no mundo, onde vive por um tempo que varia desde poucos minutos até um número não muito grande de anos; que no final desse curto espaço de vida, ela retorna, passando pelo portal da Morte ao invisível Além, onde permanece para sempre, num estado de felicidade ou de sofrimento, conforme as ações que tenha praticado em seu corpo durante os poucos anos em que aqui viveu.

Platão insistia na necessidade de uma definição clara dos termos como base de um argumento, e nos confirmamos que isso é tão necessário ao tratar-se do problema da vida, do ponto de vista da Bíblia, como o é para os argumentos platônicos. De acordo com a Bíblia, o homem é um ser composto, que consta de Corpo, Alma e Espírito. Os dois últimos termos são, freqüentemente, tomados como sinônimos, mas nós insistimos em que não podem ser tomados um pelo outro e, para sustentar nossa afirmação, apresentamos a explicação a seguir.

Todas as coisas estão em estado de vibração. As vibrações dos objetos que nos rodeiam estão constantemente agindo sobre nós e trazem aos nossos sentidos o conhecimento do mundo exterior. As vibrações do éter atuam sobre os nossos olhos, para que possamos ver, e as vibrações do ar transmitem os sons aos nossos ouvidos.

Também respiramos ar éter que, desse modo, estão carregados das imagens e sons do nosso ambiente, e assim, pelo ato da respiração, recebemos internamente um quadro completo do ambiente que nos rodeia, em todos os movimentos da nossa vida.

Esta é uma proposição científica. A ciência não explica o que acontecerá com essas vibrações, mas, de acordo com os Ensinamentos dos Mistérios Rosacruzes, elas são transmitidas ao sangue e se gravam sobre um pequeno átomo no coração, tão automaticamente como são produzidas, na película sensível, as imagens cinematográficas, ou como se gravam os sons num disco. Esse registro tem início com a primeira inalação de ar da criança recém-nascida, e termina somente com o último estertor do homem moribundo; a "alma" é um produto da respiração. O Gênesis também mostra a relação entre a respiração e a alma, nas seguintes palavras: "E o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o sopro da vida; e o homem se fez uma alma vivente." (A mesma palavra: nephesh é traduzida como respiração e como alma, na passagem citada.)

Na existência post-mortem dispõe-se do registro respiratório. Os bons atos da vida produzem sentimentos de prazer e a intensidade da atração incorpora-os ao Espírito, como poder anímico. Por conseguinte, o registro respiratório dos bons atos é a Alma que se salva e que, pela união com o espírito, se torna imortal. Acumulando-se esse Bem, vida após vida, nos tornamos mais ricos de alma, e, como consequência, isso também é a base do crescimento anímico.

O registro dos nossos maus atos também se processa por meio da nossa respiração, nos momentos em que os cometemos. Cada um desses atos maus produz dor e sofrimento para o espírito no Purgatório, e só depois de o espírito ter conseguido expiá-los é que esses atos se apagam do registro respiratório. Como essa parte da alma não pode viver independentemente do seu espírito vivificante, o registro da respiração correspondente aos nossos pecados se desintegra pelo expurgo e, desse modo, podemos verificar que "a alma que peca, morrerá". A recordação do sofrimento que se produz por ocasião da purgação permanece, entretanto, com o espírito, como consciência, para nos conter se tentarmos repetir os mesmos maus atos em vidas posteriores.

Dessa forma, todos os atos, bons ou maus, são registrados pela ação da respiração, que é, portanto, a base da alma; mas, enquanto os registros da respiração dos bons atos se amalgamam com o espírito,

e nele vivem para sempre como alma imortal, o registro respiratório dos maus atos se desintegra e essa é a alma que peca e morre.

Ao mesmo tempo que a Bíblia afirma que a imortalidade da alma está condicionada as boas obras, nenhuma distinção faz com respeito ao espírito. A afirmação é clara e conclusiva quando se diz que: "Ao partir-se o cordão prateado... então o pó voltara a terra, de onde veio, e o espírito voltara a Deus, que o deu."

A Bíblia ensina que o corpo é feito de pó, ao qual voltara, e que uma parte gerada pela respiração é perecível, mas que o espírito sobrevive à morte do corpo e persiste para sempre. Portanto, uma "alma perdida", na acepção comum do termo, não é ensinamento bíblico, porque o espírito não foi criado e é eterno como o próprio Deus e, por isso, a Teoria Teológica ortodoxa não pode ser verdadeira.

3) **A Teoria do Renascimento**, ensina que cada espírito é uma parte integrante de Deus, que contém em si todas as potencialidades divinas - assim como a bolota contém o carvalho - e que, por meio de muitas existências em corpos terrestres, de contextura gradualmente mais perfeita, seus poderes latentes vão sendo desenvolvidos lentamente e se tornam utilizáveis como energia dinâmica; e que ninguém pode perder-se, mas sim que todos, por fim, alcançarão a perfeição e a reunião com Deus, levando cada um consigo a experiência acumulada, como fruto de sua peregrinação através da matéria.

Ou, então, como podemos dizer em forma poética:

SOMOS ETERNOS

*Numa nuvem tormentosa sibilando; na asa de Zéfiro,
O coro do espírito canta os hinos sacros do mundo, alegremente
Escuta! Ouve suas vozes: "Pelas portas da morte nós passamos,
a Morte não existe; alegrai-vos a vida continua eternamente".
Somos, sempre fomos e sempre o seremos
Somos uma parte da Eternidade,
Mais velha que a Criação, a parte de Um Grande Todo,
Cada Alma é Individual, na sua imortalidade.
No tear farfalhante do Tempo, nossa roupagem formamos,
A rede do Pensamento urdidos eternamente;
O que é modelada na Terra, é no céu que planejamos
E ao nascer, nossa raça e nossa pátria, já as trazemos na mente.
Brilhamos em uma jóia e sobre a onda dançamos
Cintilamos em pleno fogo, a tumba desafiamos*

*através de formas várias em tamanho, gênero e nome
A essência individual é a mesma, é a que sempre carregamos.
E quando alcançarmos o mais elevado grau,
A gradação do crescer com nossas mentes lembraremos
Para que, elo por elo, possamos juntá-los todos
E passo a passo tragar o caminho que percorremos.
Com o tempo saberemos, o que realmente foi feito
O que eleva e enobrece, o certo e a verdade
Sem malícia com ninguém, sempre agindo com bondade,
Em e através de nós, a Deus será feita a Vontade.*

Aventuramo-nos a dizer que há somente um pecado: a ignorância; e só uma salvação: o conhecimento aplicado. Ainda o mais sábio dentre nós sabe muito pouco de tudo quanto se pode aprender, e ninguém alcançou a perfeição, nem esta pode ser conseguida numa só e curta vida. Mas observamos que tudo na Natureza tende a se desenvolver lenta e persistentemente, procurando alcançar estados cada vez mais elevados; a esse processo chamamos de Evolução.

Uma das principais características da evolução esta no fato de que ela se manifesta em períodos alternados de atividade e repouso. O ativo verão, no qual todas as coisas sobre a Terra se multiplicam e procriam, é seguido pelo descanso e a inatividade do inverno. As atividades do dia alternam-se com a quietude da noite. O fluxo dos oceanos é seguido pelo refluxo das marés. Assim, como todas as coisas se movem em ciclos, não é razoável supor-se que a vida, que se manifesta sobre a Terra durante uns poucos anos, se acabe, quando a Morte chega, mas que tão seguramente como o Sol reaparece pela manhã, depois de ter-se ocultado ao chegar a noite, também a vida que terminou com a morte de um corpo há de manifestar-se outra vez num novo veículo e num ambiente diferente.

Nossa Terra pode ser comparada a uma Escola a qual voltamos, vida após vida, para aprender novas lições, da mesma forma que nossos filhos vão à escola, dia após dia, para aumentar seus conhecimentos. A criança dorme durante a noite que medeia entre dois dias de escola, e o espírito também tem seu descanso da vida ativa entre a morte e um novo nascimento. Há, também, diferentes classes nesta escola do mundo, que correspondem aos diferentes graus, desde o jardim de infância até a Universidade. Nas classes inferiores encontramos Espíritos que só freqüentaram a Escola da Vida poucas vezes; estes são os atuais selvagens, mas com o tempo, far-se-ão mais sábios e melhores do que nos somos agora, e nós mesmos progrediremos em vidas futuras a alturas espirituais que atualmente

nem podemos conceber. Se formos aplicados na aprendizagem das lições da vida, progrediremos muito mais depressa nessa escola da vida do que se folgarmos e desperdiçarmos nosso tempo. Isso obedece aos mesmos princípios que governam nossas instituições de ensino.

Nós não estamos aqui pelo capricho de Deus. Ele não colocou uns num jardim e outros num deserto, nem tampouco deu a alguns corpos saudáveis, de modo a poderem viver livres de dores e enfermidades, enquanto outros foram colocados em pobres circunstâncias que nunca se vêem livres da dor. Mas o que somos devemos à nossa diligência ou negligência, e o que seremos no futuro dependerá do que queiramos ser, e não do capricho de um Deus ou de um destino inexorável. Não importa quais sejam as circunstâncias; está em nós mesmos o poder de dominá-las, ou seremos dominados por elas, de acordo com a nossa vontade.

Sir Edwin Arnold exprime esta idéia de modo magnífico em seu livro A Luz da Ásia:

"Os Livros dizem bem, meus Irmãos a vida de cada homem de sua anterior existência vemos bem o resultado; Trazem dores e misérias os erros que praticaram, trazem bênçãos infinitas, os acertos do passado. Cada um tem sua dignidade, como os mais altivos a tem ao redor, acima e abaixo, com poderes ao dispor, sobre toda a humanidade e sobre tudo o que vive cada um livremente age causando alegria ou dor. Quem labutou, um escravo, como príncipe poderá voltar por virtudes alcançadas e por nobre merecer, quem governou, um rei, em farrapos poderá vagar por todas as coisas que fez e as que deixou de fazer."

Ou então, como disse Ella Wheeler Wilcox:

"Um barco sai para Leste e para o Oeste um outro sai com o mesmo vento que sopra, numa única direção. E a posição certa das velas e não o sopro do vento que determina, por certo, o caminho em que eles vão. Os caminhos do destino são como os ventos do mar conforme nós navegamos ao longo e através da vida. É a ação da alma que a meta nos vai levar e não a calmaria ou o constante lutar."

Quando queremos que alguém se encarregue de uma determinada missão, escolhemos uma pessoa que nos pareça particularmente capacitada para cumpri-la e, assim, havemos de supor que um Ser Divino usaria pelo menos o mesmo bom-senso, e não escolheria qualquer um para levar esta mensagem se não estivesse capacitado para isso. Assim, pois, quando lemos na Bíblia que Sansão foi escolhido para destruir os Filisteus, e que Jeremias foi predestinado a ser profeta, é muito lógico supor-se que estavam particularmente aptos para levar a cabo sua missão. João, o Batista, também nasceu para ser o arauto do Salvador que estava para chegar e para pregar o Reino de Deus, que deve ocupar o lugar do reinado dos homens.

Se essas pessoas não tivessem recebido uma preparação prévia, como poderiam ter-se desenvolvido para cumprir suas várias missões e, se foram treinadas, de que modo o foram, se não em vidas anteriores?

Os judeus acreditavam na Doutrina do Renascimento ou, do contrário, não perguntariam a João, o Batista, se ele era Elias, como está no primeiro Capítulo do Evangelho de São João. Os Apóstolos de Cristo também sustentavam essa crença, como podemos ver pelo incidente relatado no Cap.16 de São Mateus, onde Cristo pergunta-lhes: "Que dizem os homens que Eu, o Filho do Homem, sou?" E os apóstolos responderam: "Alguns dizem que Tu és João Batista, outros que es Elias, e outros que es Jeremias, ou um dos profetas". Nesta ocasião, Cristo assentiu tacitamente com o ensino do Renascimento, porque não corrigiu seus discípulos, como seria seu dever, em sua qualidade de Mestre, se verificasse que seus discípulos tinham uma idéia errônea.

Mas a Nicodemos Ele disse inequivocamente: "A não ser que um homem nasça outra vez, não poderá ver o reino de Deus", e no Cap.11 de São Mateus, no versículo 14, disse Cristo, referindo-se a João, o Batista: "Este é Elias". No Cap.17 de São Mateus, no versículo 12, Ele disse: "Elias já veio, e eles não o conheceram, mas fizeram com ele o que quiseram...". "então os discípulos compreenderam que Ele lhes falava de João, o Batista."

Assim, pois, nós sustentamos que a Doutrina do Renascimento oferece para o problema da vida a única solução que está em harmonia com as Leis da Natureza, que responde aos requisitos éticos da questão, e nos permite amar a Deus sem anular nossa razão, diante das desigualdades da vida e das circunstâncias diversas

que dão comodidade e bem-estar, saúde e riqueza a poucos, enquanto tudo isso é negado a tantos outros.

A teoria da hereditariedade, lançada pelos materialistas, aplica-se somente à forma pois, da mesma maneira que um carpinteiro usa material de determinada pilha de madeira para construir uma casa na qual há de viver, também o espírito toma de seus pais a substância com a qual há de construir sua casa. O carpinteiro não poderia construir uma casa resistente e durável usando madeira imprópria; e da mesma maneira, o espírito só pode construir um corpo semelhante ao daqueles de quem tirou o material. Mas a teoria da hereditariedade não se aplica ao plano moral, pois é fato notório que nas galerias dos criminosos da América e da Europa não há um caso em que estejam juntos pai e filho. Assim, embora os filhos dos criminosos tenham herdado tendências para o crime, podem manter-se fora das malhas da Lei. A hereditariedade também não é vitoriosa no plano intelectual, porque podem ser citados muitos casos em que um gênio e um idiota saem da mesma origem. O grande Cuvier, cujo cérebro era aproximadamente da mesma capacidade do de Daniel Webster e cujo intelecto foi igualmente grande, teve cinco filhos que morreram de paralisia geral. O irmão de Alexandre, o Grande, foi um idiota; em suma, nos sustentamos que deve ser encontrada outra solução que possa esclarecer esses fatos da vida.

A Lei do Renascimento, junto com sua companheira, a Lei da Causa, explicam tais fatos satisfatoriamente. Depois de morrermos, após uma vida, tornamos a voltar mais tarde a Terra, sob circunstâncias determinadas pelo modo pelo qual vivemos antes. O jogador é atraído para os cassinos e para os hipódromos, para associar-se a outros de igual gosto; o músico é atraído para as salas de concertos e conservatórios, para Espíritos que lhe são afins, e o Ego que volta traz consigo os gostos e aversões que o obrigam a procurar seus pais entre aqueles da classe a que ele pertence. Mas alguém pode nos apontar agora casos em que se encontram juntas pessoas de gostos inteiramente diversos, vivendo vidas torturadas, pelo fato de se verem agrupadas na mesma família, forçadas pelas circunstâncias a permanecerem ali contra a sua vontade. Isso, porém, não invalida a Lei, de modo algum. Em cada vida contraímos certas obrigações que não podemos cumprir na ocasião. Talvez tenhamos fugido a um dever como, por exemplo, o de atender a um parente inválido, e a morte chegou antes de termos a compreensão desse nosso erro. Esse parente, por sua vez, pode ter sofrido muito por nossa negligência e armazenou contra nós uma grande dose de amargura,

antes que a morte terminasse o seu sofrimento. A morte, e a conseqüente mudança para outro ambiente, não liquida nossas dívidas desta vida, assim como a mudança de uma cidade na qual vivemos atualmente não liquida as dívidas que tenhamos contraído antes da mudança. É, portanto, perfeitamente possível que aqueles dois que se prejudicaram mutuamente, como descrevemos, venham a ser reunidos como membros de uma mesma família. Então, mesmo que não se lembrem do mal que fizeram, a antiga inimizade se manifestará e fará com que se odeiem novamente, até que a aflição resultante os obrigue a se tolerarem mutuamente e, por fim, talvez, aprendam a se amar, em vez de se odiarem.

Na mente do pesquisador também se apresenta essa pergunta: Seja estivemos aqui antes, por que não nos lembramos disso? Mas a essa pergunta podemos responder que, embora a maioria das pessoas não seja consciente do modo pelo qual passaram suas vidas anteriores, outras há que tem nítida lembrança de suas vidas passadas. Uma amiga do autor, por exemplo, quando vivia na França, começou, certo dia, a descrever a seu filho coisas a respeito de uma certa cidade na qual iam fazer uma excursão de bicicleta, e o menino exclamou: "Mãe, não precisa me dizer nada disso; eu conheço essa cidade, porque nela vivi, e nela me mataram". E começou a descrever a cidade, falando de certa ponte. Posteriormente, o rapaz levou a mãe até essa ponte e mostrou-lhe o lugar onde havia encontrado a morte há alguns séculos. Outra amiga, por ocasião de uma viagem a Irlanda, viu uma cena que reconheceu, e também descreveu aos companheiros uma paisagem que seria vista atrás de uma volta do caminho, que ela nunca havia visto antes nesta vida; assim, é preciso admitir que ela havia conservado a memória de uma vida anterior. Inúmeros outros exemplos poderiam ser citados, nos quais essas minúcias de memória e vislumbres repentinos revelam-nos fatos de uma vida anterior. O caso comprovado, no qual uma menina de três anos de idade, em Santa Bárbara, descreveu sua vida e sua morte já foi relatado no Conceito Rosacruz do Cosmos. Esta é, talvez, a evidência mais positiva, pois se baseia na narração de uma menina demasiado pequena para que pudesse ter aprendido a mentir.

Porém, essa teoria da vida não repousa em mera especulação. Este é um dos primeiros fatos da vida demonstrados ao discípulo de uma Escola de Mistérios. Ensina-se-lhe a observar uma criança a hora da morte, e depois de observá-la no mundo invisível dia após dia, até que ela volte a renascer um ou dois anos mais tarde. Então, ele sabe

com absoluta certeza que nós voltaremos a Terra, para colher numa vida futura o que semeamos agora.

A razão de escolher-se uma criança de preferência a um adulto é porque a criança renasce muito rapidamente, pois sua curta vida na Terra deu muito poucos frutos, e estes são logo assimilados, enquanto o adulto, que viveu uma longa vida e tinha muita experiência, permanece nos mundos invisíveis por séculos, de modo que o discípulo não poderia observá-lo desde a morte até o renascimento. A causa da mortalidade infantil será explicada posteriormente. Por enquanto, só queremos deixar bem assentado o fato de que está dentro das possibilidades de cada homem, sem exceção, tornar-se capaz de chegar ao conhecimento direto daquilo que aqui estamos ensinando.

O intervalo médio entre duas vidas terrestres é de cerca de mil anos. Isto é determinado pelo movimento do Sol, chamado pelos astrônomos de precessão dos equinócios, movimento pelo qual o Sol se move através de cada um dos Signos do Zodíaco cerca de 2.100 anos aproximadamente. Durante esse tempo, as condições sobre a Terra terão mudado de tal maneira que o Espírito encontrará aqui experiências inteiramente novas e por isso voltará.

Os Grandes Guias da Evolução sempre conseguem o máximo benefício através das condições que Eles planejam e, como as experiências nas mesmas condições sociais são muito diferentes para o homem e para a mulher, o Espírito Humano renasce duas vezes durante os 2.100 anos medidos pela precessão dos equinócios acima mencionada, nascendo uma vez como homem e outra como mulher. Esta é a regra, mas ela está sujeita às modificações que sejam necessárias a fim de facilitar a ceifar aquilo que o Espírito semeou, como requer a Lei da Causa, que atua em conjunto com a Lei do Renascimento. Desse modo, um espírito pode ser levado a renascer muito tempo antes que haja expirado os mil anos, a fim de cumprir certa missão, ou pode ser retido nos mundos invisíveis até depois do tempo em que deveria renascer, se essa lei fosse uma lei cega. Mas as Leis da Natureza não são cegas. São Grandes Inteligências que sempre subordinam as considerações de menor importância aos fins superiores, e sob sua benéfica orientação estamos progredindo constantemente, vida após vida, nas condições exatamente adaptadas a cada indivíduo, até que, com o tempo, alcancemos uma evolução mais elevada e nos convertamos em Super-homens.

Oliver Wendel Holmes expressou tão magistralmente esta aspiração e sua realização nestas linhas:

*"Oh! Minh'alma, constrói para ti mansões mais majestosas,
enquanto as estações passam ligeiramente!
Abandona o teu invólucro finalmente;
Deixa cada novo templo, mais nobre que o anterior
com cúpula celeste, com domo bem maior,
e que te libertes, decidida,
largando tua concha superada nos agitados mares desta vida."*



UM CICLO DE VIDA

A Essência da Mente de "Reto Pensar" e a Essência Anímica de "Reto Sentir" são incorporados ao Espírito como bases para futuros "Atos Retos"		O Desejo de mais experiências e Crescimento Anímico atrai o Ego ao Renascimento	MUNDO DO PENSAMENTO ABSTRATO	
O Bem na vida passada incorpora-se na Mente como o Sentimento Reto também trabalha sobre Novo Ambiente		2º CÉU	Reúne os Materiais para formar uma Nova Mente	E PENSAMENTO CONCRETO
A Essência da Dor incorpora-se na Alma como Reto Sentir. O Sofrimento purga a Alma		1º CÉU PURGATÓRIO	Um Novo Corpo de Desejos	MUNDO DO DESEJO
A Alma vê o panorama de sua Vida passada		O ÉTER	Um Novo Corpo Vital. Nascimento do Corpo Denso	MUNDO FÍSICO
Morte		49 7 VIDA NA TERRA 42 28 14 35 21	Nascimento do Corpo Vital - Crescimento	
Máximo de Mentalidade			Nascimento do Corpo de Desejos - Puberdade	
Mudança de Vida	Nascimento da Mente - Maioridade			
Máximo de Vitalidade - 2º Crescimento				
INÍCIO DA SERIEDADE DE VIDA				

Este quadro mostra a passagem do Ego, que é representado pelo círculo, na parte superior do diagrama, através do Purgatório; dos vários Céus, e a sua volta ao Renascimento; e também as épocas setenárias da vida terrena.

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE UM CICLO DE VIDA SEGUNDO MAX HEINDEL



FRATERNIDADE ROSACRUZ - RJ

Editado pela Fraternidade Rosacruz - Centro Autorizado do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210
Telefone celular: (21) 9548-7397 - E-mail: rosacruzmhrio@gmail.com



The Rosicrucian Fellowship
An association of Christian Mystics

Matriz: Rosicrucian Fellowship
2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92054-2399, USA
www.rosicrucianfellowship.org www.rosicrucian.com
(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

Todos os direitos reservados ©
O uso das informações deste E-Book é livre, desde que citadas as fontes.

